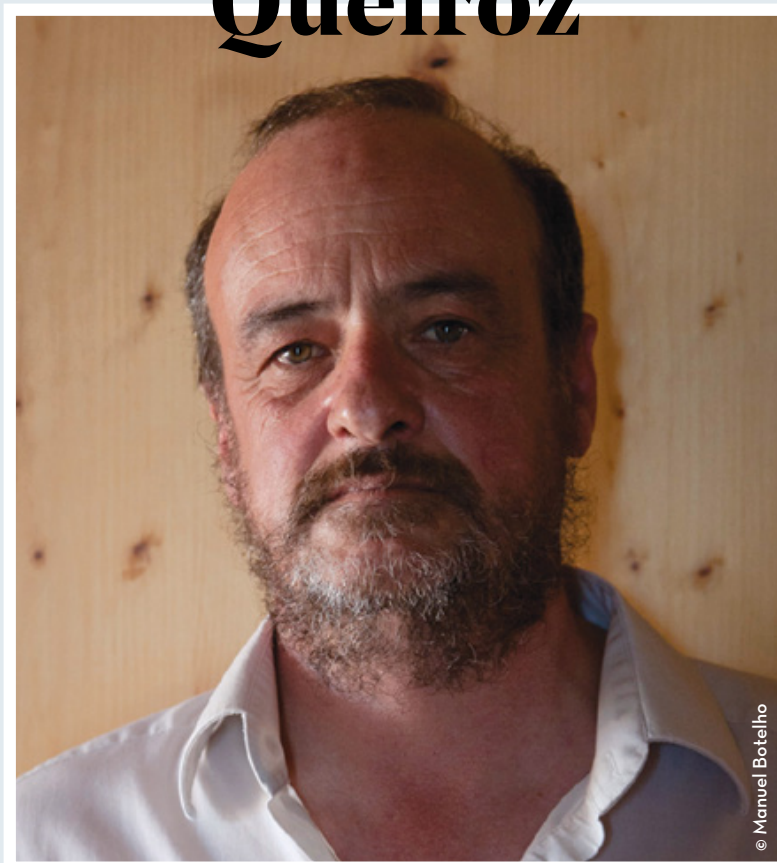


# João Queiroz



**T**  
**T**

www.

A conversa com João Queiroz é rodeada por um cenário de uma beleza natural extraordinária, a beleza crua das pedras, o verde forte dos pinheiros, o caminho que nos traz até este lugar desprende-nos lentamente da cidade.

Formado em Filosofia em 1984, lecciona Teoria de Arte, Desenho e Pintura no Ar.Co. em Lisboa entre 1989 e 2001. Recebe em 2000 o Prémio EDP/Arte. Conta com numerosas exposições individuais e colectivas, e a sua obra integra algumas das mais importantes colecções de arte contemporânea.

T



**Verónica de Mello: A última conversa que tivemos contigo foi no teu atelier na 211. Na altura disseste-nos que o que te interessava não era o espaço, mas a forma como tu trabalhavas. Podia ser itinerante em qualquer lugar. Como é que acontece esta passagem para as Azenhas?** João Queiroz: Foi muito circunstancial. Como tinha a possibilidade de vir trabalhar para cá, vim muito provisoriamente. E fui ficando, cada vez, a gostar mais. O ambiente à volta é um ambiente extremamente pacífico. Tenho muita coisa para ver, o que é muito importante para mim. **VDM: As tuas paisagens são construídas, são paisagens mentais e não físicas. No entanto, antes estavas na cidade e agora estás no campo. Isso tem um impacto na forma como trabalhas?** JQ: Tem. Mas essas paisagens construídas, são construídas a partir de uma memória que tenho ou de desenhos que fiz. Não é uma construção completamente absoluta. A mudança de ambiente é importante, vai enchendo as reservas. **VDM: E o tempo? O tempo muda? A velocidade?** JQ: O tempo de fazer as coisas? De uma maneira muito paradoxal, parece que se está a fazer mais lentamente, e está-se a fazer mais. E enquanto na cidade, faz-se um trabalho durante muitas horas, aqui pode-se distribuir, vai-se produzindo com mais calma, e os resultados podem ser até quantitativamente maiores. **VDM: A filosofia está presente na tua obra, consegues explicar-me de que forma?** JQ: A filosofia interessa-me muito, no campo da percepção, produção do mundo, que coisas é que existem e quais são as fronteiras entre as coisas. Aqui por causa da luz, faz-se outras fronteiras diferentes das de Lisboa. É muito importante como o ambiente em que vivemos nos faz distinguir as coisas. Isto é como na pintura, em que também temos que escolher o que existe ou não. **VDM: Os temas que vais trabalhando, como surgem? Será que se pode dizer que és um artista investigador? A investigação e o estudo são uma plataforma de trabalho?** JQ: O trabalho que vai acontecendo, vai propondo caminhos. Uma pessoa quando está a fazer uma coisa, tem um pé no que sabe e um no que não sabe. E vai à procura das coisas que não sabe, o que, nesse sentido, é uma investigação. **VDM: Como funciona a questão do tempo, da velocidade, na pintura?** JQ: Qualquer técnica tem uma realidade própria. E há determinado tipo de coisas que só se pode fazer numa determinada altura, o que implica tempo. Uma pessoa quando está a pintar está sujeita ao que o objecto quer que se faça. Está-se sujeito ao tempo. Há coisas que só podem ser feitas agora, há outras que já podiam ter sido feitas e não foram, e por aí fora. **VDM: Quando sabes que uma obra está pronta?** JQ: Não sei. Quando está bem para pensar que está bem, mas não tão bem de uma maneira que não fique fechada. É uma fronteira entre eu achar que está bem e algo mais que não estou a controlar. É um pé no que se sabe e o pé no que se pensa.

Verónica de Mello: JQ:

- 1.
  2. Sem título, da série "A noiva dourada", 2013 Óleo sobre tela.
  - 3.
  4. Azenhas do Mar
- 
- 1.
  - 2.
  - 3.
  4. Azenhas do Mar



“O trabalho que vai acontecendo, vai propondo caminhos”

Quote